

# BRASIL-PORTUGAL

16 DE JULHO DE 1905

N.º 156



**D. Raymundo Fernandez Villaverde, Marquês de Pozo-Rubio**  
† em Madrid a 15-7-1905

*Este estadista hespanhol que deixou apenas ha dias o poder era um economista muito distincto e um parlamentar de raras qualidades. Pela primeira vez ministro com Canovas del Castillo, chefe do partido conservador, e pela segunda com Silveira, ha pouco fallecido, foi presidente em duas situações ministeriaes, uma em 1903 e outra em 1905.*



Da janella diviava-se uma nesga do Tejo, d'esse rio que é uso chamar de crystal e que nunca em verdade o foi mais, do que n'esta noite de julho, em que a luz arranca sciatiilações prateadas ás suas aguas e os holophotes dos navios da esquadra inglesa, fundada em frente de Lisboa, enchem de luz os montes da cidade. Noite de verão, um pouco arejada por um nordeste fresquinho que tempera suavemente o calor tropical do dia.

Nas partes altas da cidade grupos e grupos de gentis admiram os exercicios dos projectores maritimos, e de quando em quando lá ao longe, descobre-se uma luz intensa deslizando suavemente: é um ou outro barco illuminado que sulca o Tejo. Escuta-se depois o silvo dos comboios que sahem e entram o grande tunnel da Avenida, e aos nossos ouvidos chega ainda o timbre agudo das campainhas electricas nos carros que atravessam a cidade de extremo a extremo, em vertiginosas carreiras que encurtam as distancias e ligam os bairros. E' a civilização que estanteia. Mas em contraste, a chronica descobre do outro lado do seu lar um vasto campo silencioso e triste. E' a natureza que dorme.

Preferimos a civilização. E' ella que nos inebria e nos entretém. A natureza é linda, mas é monotona. Um valle por mais pittoresco que seja, é sempre um valle, parecido com todos os outros. A vegetação exuberante que cresce nas margens do mais pittoresco riacho, assemelha-se sempre em qualquer paiz, em qualquer sitio. D'ahi o irmos descobrir pedações de Cintra na Beira, paesagens do Minho na Suissa, os Pirrenes na serra da Estrella, o Bassaco no Tyrol, vinhas do Douro em plena Hungria, o que prova que o pittoresco da natureza tem ainda pouca novidade. Já não succede o mesmo á civilização que varia de povo para povo e de paiz para paiz, em aspectos, em costumes, em idiomas. A natureza fallará muito aos poetas mas os poetas são em geral uns sujeitos monotonos e tristes, eternos acismadores que sonham com as Musas e nem sempre tratam bem as rimas. A civilização é mais variada, mais baralhenta, mais divertida. Rompe em toda a parte, ao lado de uma obra de arte e nos pés de um camelot de boulevard; vai desde o bruhaha confuso dos museus, até ás sensações violentas de uma roleta; põe uma nota estonteante de vida no chapéu da ultima moda e na noticia da ultima revolução. A civilização é tudo, e tem no jornal moderno e illustrado o seu verdadeiro prototypo, porque nos dá em meia hora a impressão do que se passa ao redor de nós, desde o acontecimento politico, até a uma partida de *low tennis*.

A photographura passou a exercer uma influencia extraordinaria na curiosidade publica, porque nos dá em minutos a impressão exacta de tudo o que se pôde admirar, mas reparem bem que quando ella reproduz a natureza é sempre favorecida ao passo que quando representa a vida é sempre pallida. Por isso a Chronica, quando se trata de admirar o pittoresco, fica deslumbrada ante uma boa photographia, mas para ter a impressão exacta da grandiosidade de um monumento ou do movimento de uma capital, só o consegue *d'après nature*. Extasiámo-nos ante o retrato de uma mulher bonita, mas não nos apaixonamos por ella, porque nos falta exactamente a vida que só nos podem dar o encanto do seu sorriso ou o prazer do seu olhar. Para nós a differença que vai de uma figura de mulher bonita para uma estatua de belleza é exactamente a que existe entre a velocidade de um transatlantico e a doce suavidade de uma gondola.

Citámos a Suissa tão decantada e quando a atravessamos, parece-nos que vamos encontrar aqui e ali trechos da paisagem por queza. O que lá ha é melhor aproveitamento da natureza. E' difficil encontrar um metro quadrado de terreno inculto, porque a mão do homem tudo aproveita e de tudo tira partido. A Suissa é o jardim da Europa, mas como todos os jardins se assemelham, não lhe topamos novidades, por maiores diligencias investigadoras se faça. Os seus lagos são lindos, mas são lagos, e a differença é que no lago do Bom Jesus do Monte ou na vargem de Collares, anda um bote enquanto em Lausanne ou em Genebra andam muitos vapores. Em quanto não conheciamos senão o nosso paiz, pensavamos que a Suissa possesse ter para os povos do norte o encanto da novidade, mas depois que galgámos a sua fronteira e entrámos por exemplo no Tyrol, ficámos com a impressão de que a Suissa só consegue brilhar aos olhos do *touriste* por este habito muito jveterado em cada um de nós, de gostar sempre mais do que não nos pertence.

A Suissa é um jardim alindado mas que exuberancia de pittoresco em todo esse caminho que nos conduz á Austria! Ah! sim, ah! é que a natureza deslumbra na sua magestade, tão imponente, tão grandiosa, tão artistica, ella se nos apresenta! A natureza no Tyrol chegou a dar-nos a sensação de pavor. A agua que em catadupas caba das montanhas quasi nos affoga, e quando olhamos os vales e os vinhos inundados em ondas que se desencadeiam umas após outras, sentimos tentações de fugir como se em pleno Oceano, a bravura do mar revoltado nos quizesse afundar. A linha ferrea que depois do Zurich entra na Austria é um continuo precipicio que se atravessa com o credo na boca. A engenharia pôde gabar-se de lá ter feito prodigios artisticos, mas pôde tambem ter a certeza de nos ter pregado muito snato. Atravessámos a parte mais arri-

cada d'essa linha, sentados á mesa de um wagon restaurant, em frente de um almoço ansiosamente esperado. Pois quando melhor saboreavamos uma *entrecôte*, e lançámos um olhar para o precipicio que se abria a nossos pés, por pouco nos enganámos. Quantas Suissas se não edificariam ao lo go d'essa linha! O pittoresco tambem precisa dos seus paradoxos para impressionar.

O que impressiona verdadeiramente na Suissa, sobretudo a nós, meridionaes ou habitantes do paes quente, é o respeito pela lei. Ali a lei é tudo, e pôde ju'gar-se bem qual será o espanto de um portuguez, curioso como todo o bom *touriste*, quando ao procurar a razão de qualquer coisa, só obtém esta resposta invariavel: E' a lei.

Alta madrugada, n'uma gare de caminho de ferro, esperando um comboio, procura-se tomar uma bebida qualquer no restaurant da estação.

— O seu bilhete?

— Ainda não tenho, porque o guichet está fechado.

— Então, sinto muito, mas não o posso servir.

— Porque? investiga-se.

— E' a lei!

Mais adiante, vai-se embarcar n'uma carruagem de 1.ª classe, onde se tenta arrumar as malas. Apparece um empregado que nol-as tira da mão...

— Quanto pesam?

— Não sabemos...

— Então vá-se pesar.

E atrazam-n'es com a bagagem para cima de uma balança. Passam-n'os um bilhete, pedem-nos uns poucos de francos e levam-nos as malas...

— Mas... Vimos de muito longe. Atravessámos uns poucos de paeses, e sempre com as nossas ricas malas ao pé de nós, á nossa vista... E esboçamos um: Porque?

Unica resposta:

— E' a lei!

A lei! Sentimos tentações de gritar ó da guarda, de fazer um discurso, de protestar contra a monotonia d'essa explicação a tudo e por tudo: — é a lei!... Dize-se isto a nós meridionaes, a nós, portuguezes! E entre os applausos de uns companheiros gritámos zangados:

— A lei! Mas a lei é uma coisa que se compra?

— Na Suissa é, mas só lá...



Jayme Arthur da Costa Pinto

Procedor da Real Casa Pia de Lisboa

# A nau de S. Bento

(1553-54)

Quem hoje ler no *Theatro tragico maritimo* que a nau *S. Bento*, de Sua Alteza, era a maior e melhor que havia na carreira da India em meado do seculo xvi, custar-lhe-ha a convencer-se

de que esse grande navio do tempo dos nossos gloriosos avós não passava de um imperfeito arremedo de qualquer pequena galeota hollandeza da actualidade. Pois é exacto. Superior, sem duvida, ás barcas portuguezas de *cincoenta toneladas*, em que Bartholomeu Dias e Lopo Infante foram passar o Cabo das Tormentas, e ainda ás embarcações de Colombo que descobriram as Antilhas, cujo porte era inferior a *cem toneladas*, a nau *S. Bento* poderia hoje servir de lancha, não dizemos já ao *Leviathan*, mas ao *Himalaya*, ou ainda a outros menos collossaes vapores da Grã-Bretanha ou dos Estados Unidos.

Não lhe valeu porém a sua fama de então, como agora não valem as proporções gigantes dos celebrados monstros maritimos, para escapar á furia das ondas, e ainda mais aos traiçoeiros recifes de mal assombrada costa.

Em 1553 foi destinada a nau *S. Bento* para capitania da armada que na monção d'este anno devia passar á India com tropa e mercadorias, e tomou o seu commando, como capitão-mór da frota, um fidalgo muito estimado na cõrte, e diz-se que perito nas coisas do mar, que havia nome Fernão Alvares Cabral, talvez descendente do feliz descobridor do Brasil.

Compunha-se a esquadra de cinco naus, que estavam de verga de alto no Tejo já em fins do mez de fevereiro; porém uma d'ellas, a *Santo Antonio*, capitaneada por D. Manuel de Menezes, foi presa das chammias estando á carga em frente de Belem. As outras quatro sahiram a barra em Domingo de Ramos, 24 de março do mesmo anno, e

taneava Ruy Pereira da Camara, a *Conceição*, confiada ao mando de Belchior de Souza, e a *Santa Maria do Loreto*, commandada por D. Payo de Noronha; só a capitania *S. Bento*, graças á coragem de Fernão Alvares, e á experiencia do seu piloto Diogo Garcia o castelhano, dobrou o Cabo da Boa Esperança, mas sendo já tarde para embocar o canal de Moçambique, lançou-se por fóra da ilha de Madagascar, e com inaudito trabalho e constante perigo foi surgir na barra de Goa, depois de muitos mezes de enfadonha viagem.

Entre os passageiros d'esta nau moços cavalleiros que iam procurar fortuna aos palmares da India, distinguiu o capitão um mancebo

## Lisboa—Terreiro do Paço



Plano do que devia ser o Terreiro do Paço. — Cópia de um quadro existente na bibliotheca de Evora

de vinte e oito annos de idade, já privado do olho direito nas guerras d'África, que andava sempre entregue a profunda melancholia, e com apparencias de uma honesta pobreza; movido de sympathia pelo obscuro soldado, offereceu-se o bondoso Fernão Alvares a repartir com elle o seu não mui avultado peculio, para que podesse voltar ao reino na mesma nau, fruindo os consideraveis ganhos de uma carregação de pimenta comprada em Cochim, e escapando d'est'arte ás intrigas da India que não poupavam dissabores a todo o caracter nobre.

As lagrimas correram pelas faces do joven guerreiro, encontrando em um estranho o protector que debalde procuraria entre os conhecidos e os que se diziam amigos seus, porém recusou a offerta, sem altivez, antes com mostras de sincera gratidão, e accrescentou:

«Ao sahir do Tejo, lançando pela ultima vez o olhar sobre a terra em que nasci, exclamei como Scipião Africano: *Ingrata patria, possidebis ossa mea!*... Pobre, perseguido pelos grandes, mal-visto na cõrte... que iria eu buscar de novo a Lisboa?... só me resta o desejo da vingança... vingar-me-hei da ingratição da patria.

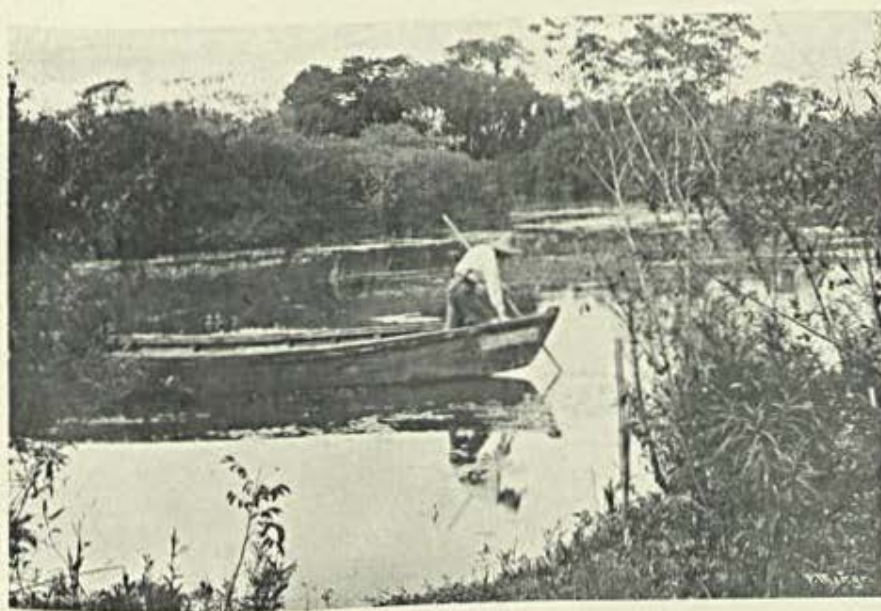
«Da patria!? atalhou Fernão Alvares, com assombro.

«Da patria, repetiu com sorriso melancholico o moço guerreiro; mas descança, que ha de ser nobremente; com a generosidade de um bom filho, posto que engeitado por desnaturada mãe.»

Este dialogo tinha logar a bordo da nau no momento de irem para terra os passageiros. Vendo Fernão Alvares que não podia vencer a repugnancia do mancebo em voltar ao reino, sacou da algibeira um livrinho de lembranças que sempre o acompanhava, e apresentou o ao pobre soldado para que inscrevesse alli o seu nome. O capitão suppunha ter no precioso manuscrito as assignaturas dos maiores homens da época, mas enganava-se; agora é que ia possuir um autographo do mais illustre portuguez d'aquelle e de todos os tempos! O soldado escrevera modestamente no fim da ultima pagina: *Luiz de Camões, escudeiro.*

Não voltando ao reino na nau *S. Bento*, o futuro cantor das glorias portuguezas, escapava ao naufragio, e talvez á morte, que nos privaria do immortal poema dos *Lusíadas*; outro naufragio, porém o esperava na costa Camboja; mas então já estava escripto esse immortre livro, e a coragem do seu auctor poude salvai-o das aguas.

## S. Paulo—Brasil



Olhehê de A. Campos.

Lagõa de Cabaçu

sob tão maus auspicios para gente supersticiosa, como era a do mar n'aquelles tempos, foram seguindo juntas a derrota do oriente, até que successivos temporaes as separaram violentamente, seguindo cada uma o seu rumo em busca da salvação.

A diferentes pontos arribaram a *Santa Maria da Barca* que capi-

Deixando em Goa o desditoso e afamado cantor, acompanhemos a Cochim o não menos infeliz Cabral na desafortunada nau *S. Bento*, que por se aventajar em grandeza, fortaleza e bondade a todas as mais que n'aquella monção partiam para o reino, era a mais pro-

curada pelos carregadores, e por isso recebeu mais carga do que razoavelmente devia admitir, o que foi principio da sua desventura, como diz uma testemunha ocular que nos deixou a narração d'esta viagem, naufragio, e trabalhos subsequentes.

### Funchal — Ilha da Madeira



Hospital D. Amelia

### COVILHÃ



Um nevão

## Ilha Terceira

Em uma quinta feira, primeiro dia de fevereiro de 1554, desaferraram da barra de Cochim cinco naus portuguesas, que compunham a armada destinada ao reino n'aquella monção sob o commando superior do capitão-mór Fernão Alvares Cabral. Uma só d'estas embarcações chegou a salvamento a Lisboa: foi a nau *S. Thomé*, de que era capitão e dono Jorge de Souza. Outra, a *Serveira*, arribou á India. A *S. Thiago* e a *Barrileira* perderam-se não se sabe como, nem aonde; e a *S. Bento*, depois de infinitos trabalhos, de alijar a mór parte do seu riquissimo carregamento, varou em terra na boca do rio do Infante, ao norte do Cabo da Boa Esperança, fazendo-se em pedaços, e sumindo comsigo na voragem das ondas grande parte da tripulação e passageiros.

Fernão Alvares, depois de larga peregrinação pelos inhospitos sertões da Africa, foi morrer afogado no rio de Santa Luzia, não longe do logar que presenciára dois annos antes a tragedia de Sepulveda, e que d'ahi a mais alguns seria testemunha do lastimoso fim de D. Paulo de Lima.

Perto do Cabo Tormentario, immortalizado pelos versos de Camões, acabou aquella afamada nau *S. Bento*, que levára o grande poeta á India. E' de crer que, sobre o chapiteu d'esse navio, enxergando o famoso promontorio, Luiz de Camões traçasse o sublime episodio do Adamastor, a maior das bellezas poeticas d'entre tantas que os *Lusiadas* encerram. Admira como deixou de commemorar nos seus versos tão notavel coincidência, que tambem não achámos mencionada em nenhum dos seus commentadores e biographos! Ah! fica pois esta lembrança para ser aproveitada por algum futuro cantor do grande épico, já que escapou ás investigações do illustre Garrett.

Seculo XIX.

F. M. BORDALLO.

Quem vive contente  
Vive receioso  
Mal que se não sente,  
E' mais perigoso.

LUIZ DE CAMÕES.

## Algarve



Ruínas de Osseoha, perto de Estoy

*Osseoha que faz hoje parte da provincia do Algarve, é uma antiga cidade do territorio em que habitavam os «cunecos», cidade que existia no tempo dos romanos e ainda era florescente no tempo dos godos. Alguns auctores dizem que ficava no sitio onde hoje se levanta Estoy, outros opinam que ficava em Estombar, proximo de Silves. Em todo o caso as ruínas de Osseoha, como tal accites e descriptas são as que a nossa gravura apresenta hoje.*



Cité de Castro o Canto.

Festa da Serreta. — Exposição de vacas. — Distribuição gratuita de leite

## Visconde de Monte Redondo



*El-Rei acaba de agraciar com o titulo de visconde de Monte Redondo o sr. Joaquim Antonio de Amorim, gerente da poderosa companhia de seguros «Garantia de Amazonias», que tem a sua sede no Pará, e á frente de cuja succursal em Lisboa se encontra o escriptor João Lucio de Azevedo.*

*Foi uma mercê justissima, pela qual o «Brasil-Portugal» felicita o agraciado, que tantos serviços tem prestado ao paiz e a cuja actividade e trabalho intelligente muito deve aquella companhia.*

## SONETO

Em vermelho cartaz propôz-se á scena  
Lusa tragedia, que a nação gloria;  
Do gran Nuno Gonçalves de Faria,  
Produção singular de uma habil penna.

No acto primeiro Elvira, em não pequena  
Fala, maldiz da guerra a sanha impia:  
Amante, irmão, e pae vem á profia  
Tudo zangar co'a mesma cantilena:

Heroicidade em versos cento e cento;  
Ergana o heroe o hispano, morre á espada,  
Lugubre a final lê-se um testamento:

De nupcias houve certa misturada;  
Findou-se o drama, pôz-se em movimento  
Na bocca o riso, o pé com pateada

BOGAGE.

# O vintem das Escolas

## NO FUNCHAL

**A**bençoada instituição esta que procura desinteressadamente correr em auxílio da mãe pobre e muitas vezes doente, sem forças para poder amamentar o filho e sem recursos para poder prover à sua sustentação.

E não ha dor mais maguada, soffrimento mais cruciante, martyrio mais atroz do que aquelle que uma pobre mãe experimenta ao vêr, com os seus proprios olhos, o filhinho querido desfallecer dia a dia, hora a hora, momento a momento, á mingua, e exausta, ella, a mãe, de forças e de recursos.

Ter fome a pobre creança, e a pobre mãe desolada, não poder matar essa fome!

E' a fatalidade da desgraça envolta no manto negro da morte a querer, com as suas garras aduncas, como as da harpia da fabula, devorar uma existencia que despontava como uma esperanza no alvorecer da vida, e que sorria para o mundo o doce sorriso de uma aurora.

Oh! vós que passaes indifferentes, porque a fortuna vos hafeja, porque na vossa casa ha a abundancia e o bem estar, porque o ceu da vossa vida é limpido e o vosso sol cheio de luz e de calor, parae e contemplae a pobre mãe macerada, transida de uma angustiosa afflicção e que estende os braços descarnados á caridade publica, para que lhe ampare o filho e não lh'o deixe ser roubado pelo abutre descarroavel da morte.

Parae e dizei então se ha piedade mais abençoada por Deus, e que mais mereça os carinhos e os afagos dos homens do que esta, que tão previdentemente, tão generosamente, organisa a caridade e lhe dá a forma de uma mãe, para assim salvar tanta vida, desanuviar tanta



*Dormitorio na descanço maternal*

negruza do ceu dos infelizes para quem o sol não costuma ter luz nem calor.

E é esta obra divina, porque Deus abençoa tudo quanto é nobre e justo e santo, e tambem genuinamente humanitario, que realisa o *Auxilio Maternal*, fundado em 1903 na encantadora e formosa ilha da Madeira e que tanto nos desvaneece.

As nossas gravuras representam bellos aspectos, tão suggestivos e tão empolgantes, da commemoração festiva do 2.º anniversario do *Vintem das Escolas*, hoje intimamente ligado e unido ao *Auxilio Maternal* n'aquella nossa feiticiera Perola do Oceano. E assim registamos com o mais vivo applauso, por um lado a obra altruista do *Auxilio Maternal* indo ao encontro da mãe infeliz que, por doença ou insufficiencia de alimentação, não possa amamentar o filho, toma conta d'essa creança e a amamenta artificialmente com leite maternizado, roubando por esta forma uma vida que resvalaria fatalmente para a valla da morte, e estanca tantas lagrimas e mitiga tanto soffrimento: por outro assegura uma solida instrucção gratuita ás creanças pobres, fornecendo-lhes escola e livros.

E' o pão do espirito e o pão do corpo a obra caridosa que esta instituição benemerita e bemdita fornece aos desvalidos da fortuna n'aquella nossa florida cidade do Funchal.

A escola tem tido uma frequencia média annual de 70 creanças dos 4 aos 7 annos de ambos os sexos, e dos 8 aos 14 do sexo feminino.

E é tão desvellada a instrucção subministrada ás alumnas n'aquella escola, sob o influxo de uma grande dedicacão e de um extremado zelo da sua digna directora a sr.ª D. Ritta Galhardo Rocha de Macedo, brilhantemente coadjuvada pela sr.ª D. Maria Amalia Cordeiro Furtado, que no primeiro anno da sua existencia apresentou 7 alumnas a exame de instrucção primaria, ficando todas approvadas com louvor.

O *Auxilio Maternal* tem amparado desde a sua fundação até hoje,



*No jardim do Descanço Maternal*

21 creanças da mais tenra idade, tendo algumas sido recolhidas logo ao nascer.

Funcionando conjunctamente, lá temos o *Descanço Maternal*, ou a Crèche que proporciona á mãe o tempo necessario durante o dia para mourejar no trabalho honrado a sua sustentação. E a Crèche tem recolhido 18 creanças.

Applaudindo com todo o entusiasmo da nossa alma, e desejando ardentemente que tão correcto exemplo se multiplique e reproduza por todo o nosso paiz, não podemos deixar de apresentar as nossas homenagens ao primeiro presidente da direcção d'este pio estabelecimento.



*Clichsé Porostrello.*

*Aula*

mento, tão sympathico quão altruista, o sr. Alfredo Guilherme Rodrigues, nem tão pouco deixar de felicitar o actual presidente, o sr. João Correia, cuja dedicacão e desvello por esta obra de caridade tem sido inexcediveis. Mas não pode nem deve ficar esquecido o sr. dr. José Joaquim de Freitas, porque á sua iniciativa gene



Clichés Perestrello.

Os banhos no Auxílio Maternal

rosa, aos seus elevados dotes de coração, á grande estatura moral do seu nobre character, se deve a fundação do *Auxílio Maternal* na ilha da Madeira, sendo ao presente ainda um dos membros mais activos e mais trabalhadores da sua direcção.

As almas bem formadas rejubilam quando veem a caridade orga-

## Barão de Colaço e Macuamara



João Correia

Presidente de O Vintem das Escolas e Auxílio Maternal



O «*Brasil-Portugal*» dá as boas vindas ao illustre titular. O sr. barão de Colaço, pae do distincto artista Jorge Colaço, antigo ministro de Portugal em Marrocos, serviu durante mais de quarenta annos o nosso paiz no estrangeiro. Ha cerca de dois seculos o imperio marroquino tem tido como representantes de Portugal, membros da familia Colaço.

nisada e methodicamente encaminhada para altos fins sociaes, produzir resultados praticos tão assignalados como os que produzem esta trindade encantadora — o *Vintem das Escolas*, o *Auxílio Maternal* e a *Crèche*.

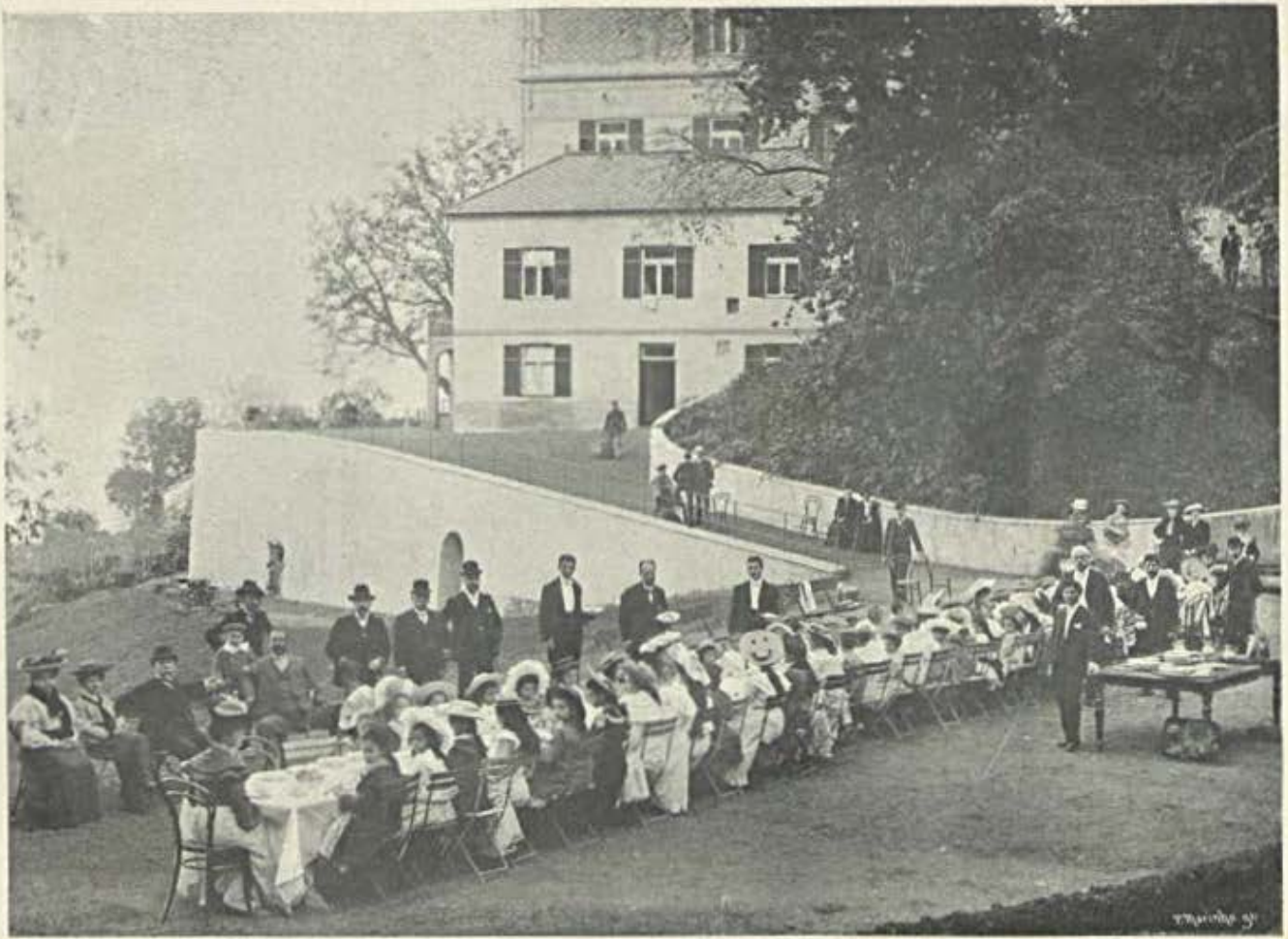


Desde que o sol toda a terra  
Cobriu com dourado manto,  
Sempre existiu na mulher  
O mimo, a graça, o encanto.

JOAQUIM DOS ANJOS.

N'esta vida escasse,  
Todo o bem se nega;  
Quando acaso chega,  
Como raio passa.

LUIZ DE CAMÕES.



*Durante o almoço, junto do lago*



*Clélia Perestrello.*

*No parque*





*Nas Babosas*



Cliché Perestrello.

*Junto do lago, depois do almoço*

## Pina Manique e a Casa Pia

**F**esta emocionante, festa por todos os titulos sympathica, a que no dia 1 d'este mez se celebrou na Real Casa Pia de Lisboa.

Promoveu-a e realison-a o provedor d'aquella casa de caridade, o sr. Jayme Arthur da Costa Pinto, que com uma nova benemerencia illustrou o seu nome, um dos que com mais justiça se teem engrandecido e popularizado em obras altruistas, em acções que demandam o reconhecimento publico.

Se d'esta não dimanassem outros resultados dignos de louvor, o da reabilitação publica do nome injustamente exercido de Pina Manique, o famoso intendente dos reinados de D. José e de D. Maria I, bastaria para tornar perduravel a iniciativa do provedor Costa Pinto, coroada de um tão brilhante successo.

O busto em marmore do celebre magistrado pombalino, que sahio primorosamente esculpido das mãos privilegiadas de Costa Motta, justo foi que o descerrasse e exposesse um membro do governo portuguez, para que ninguem ousasse dizer que o governo do paiz perfilhava a erronea versão popular ou se abstinha de tomar parte directa n'um acto de reabilitação publica e de consagração posthuma.

Bem fez o ministro da justiça em expôr aos convidados da Provedoria da Real Casa Pia de Lisboa a figura intelligente, a cabeça ampla e expressiva, d'esse homem que tamanho poder exercen no seu tempo, e que poz como remate e cupula à sua obra vasta, a fundação d'esse estabelecimento incomparavel, que pela caridade que espalha, pelo ensinamento que derrama, e pelos beneficios que ha mais de um seculo tem realiado, não encontra similares em outro paiz do mundo.

Bem fez ainda o representante do governo em acompanhar esse acto com palavras dignas da apothese que se celebrava, envolvendo na mesma homenagem o fundador e os continuadores, os que morreram como elle e os que vivem, porque todos se empenharam e empenham patrioticamente em engrandecer e perpetuar a obra sublime, arvore bemdita da caridade christã que se tem expandido em fructos, e que á sua sombra tem abrigado centenas de milhares de creaturas desprotegidas, muitas das quaes téem illuminado a patria com os

esplendores do genio, como o pintor Domingos Sequeira, ou, como tantos outros, com os clarões das letras e das sciencias.

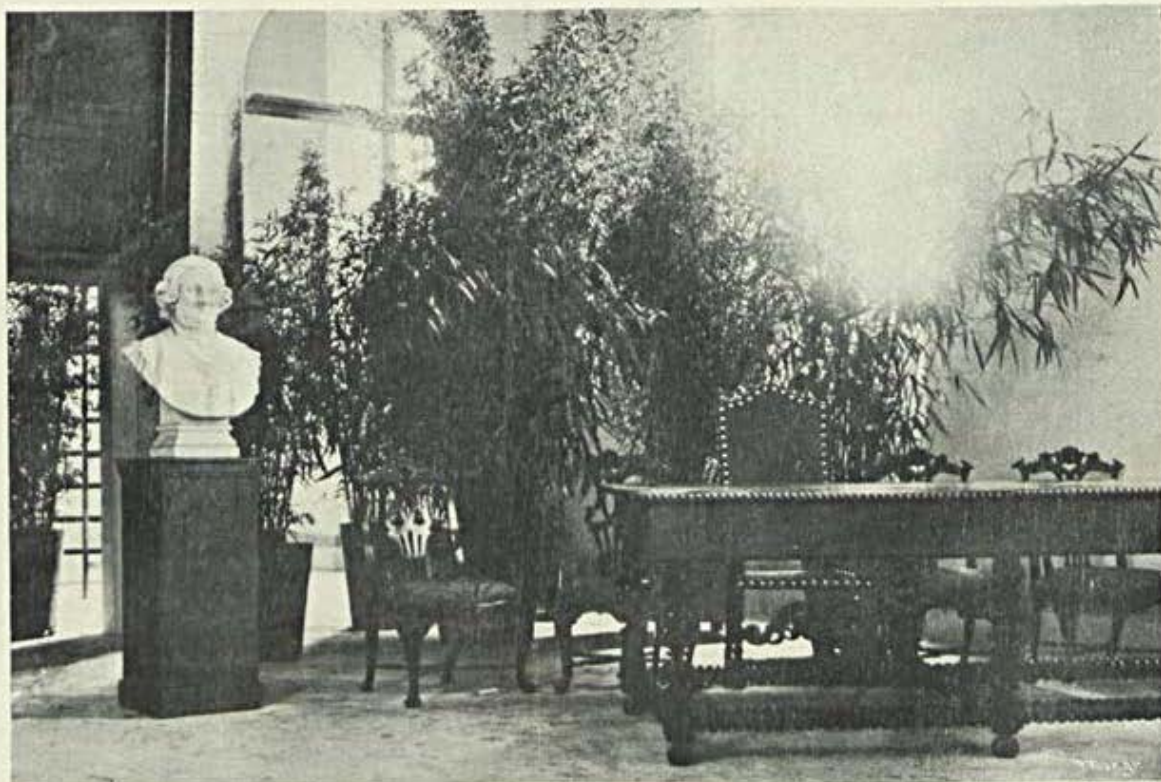
Universidade plebeia chamou um dia Latino Coelho á Casa Pia de Lisboa, e nunca uma fórmula mais precisa concretizou a ideia do fundador do estabelecimento.

E' que Pina Manique achando porventura deficiente a obra reformadora do grande ministro de D. José, de quem fôra o



Busto de Pina Manique  
(Esculptura de Costa Motta)

mais effcaz auxiliar, foi ao encontro d'ella e completou-a. Pombal amplificara a universidade e creara o Collegio dos Nobres. Isto é: implantara os meios de levar a instrucção ás classes privilegiadas. Mais humano, mais affectivo, mais coração



Real Casa Pia. — Sala em que se realisou a sessão solemne commemorando o primeiro centenario da morte de Pina Manique, o instituidor d'este estabelecimento de instrucção

emfim, Pina Manique, ao crear a Casa Pia, chamava os pobres, os desherdados, e até os réprobos, á divina communião da instrucção e da sciencia. Derramava sobre as fronteiras mais humildes a agua lustral da civilisação, só concedida até ahí aos eleitos da fortuna.

Eis por que é uma obra de benemerencia a obra d'esta rehabilitação, eis porque se tornou edificante e commovente o espectáculo que offereceu aos seus convidados o provedor da Casa Pia de Lisboa no dia escolhido para o descerramento do busto de Pina Manique.

## DIOGO IGNACIO DE PINA MANIQUE

Na historia da nossa Patria ha épocas brilhantes e risonhas, com cuja recordação a alma se nos expande na mais grata satisfação; e outras melancolicas e tristes que nos causam apenas maguas e nos deprimem o espirito, no confrangimento desconsolador.

Ha memorias de espantosa grandeza, que nos inebriam, e memorias de merencorio abatimento, que nos compungem: mas d'umas e d'outras se formam os nossos annos patrios, entrelaçando-se todas para formar um conjunto que talvez só assim pudesse ser harmonico.

A quadra que succede immediatamente ao passamento de D. José I é uma das mais lastimosas que contamos em nossa historia.

Com a ascensão de D. Maria I ao regio solio, ascenderam tambem ás cumiadas do poder os descontentes da passada administração pombalina, começando-se logo, com pasmosa inconsciencia, a derrocada de todas as medidas civilisadoras do grande ministro, a quem os odios infrenes não só derrubaram dos conselho da corôa, mas até impelleram para o exilio das suas propriedades do Pombal.

A obra do grande ministro, não estava ainda sufficientemente consolidada na época da sua queda, era como as plantas mimosas que precisam durante muito tempo dos cuidados vigilantes do jardineiro attento, até lhes chegar a época de poderem por si mesmas affrontar os embates das estações.

O ministro creara uma legislação que os habitos populares não tinham ainda assimilado, e a que faltava, por conseguinte, essa derradeira e indispensavel sancção. Por isso, quando a sua figura austera deixou de fulgurar no apice do poder, o paiz resentiu-se immediatamente.

Iniciara-se o reinado de D. Maria com alborotos e tumultos populares e proseguia com desastrosa anarchia e derrancadora desordem, principalmente na capital, onde a relaxação e a crapula campeavam com a mais absoluta impudencia.

Aos tempos da austera rigidez succediam-se outros de completo abandono. Com o desterro do Marquez de Pombal desterrara-se tambem do espirito de todos o terror invencível que o seu rigor despertava. E, ao passo que algumas das medidas de mais profundo alcance do ministro iam cahindo sob a influencia retrograda dos conselheiros da rainha, descabia tambem a auctoridade dos governantes, relaxavam-se os serviços publicos e dava-se ousadia aos perversos, que, confiados na impunidade, patenteavam por toda a parte suas tendencias criminosas.

Era principalmente na capital que mais se fazia sentir o desprestigio da auctoridade e onde a licença attingira proporções mais assustadoras. As ruas andavam enxameadas de vagabundos, gente de má nota, homens e mulheres, que no roubo e na pratica dos mais nefandos actos encontravam esteio de vida e recreio para suas ruins disposições.

Alguns, affectando uns restos de pudor, mascaravam a preguiça e os intuitos criminosos com a apparencia de mendicidade ou com o falso pretexto de vendilhões ambulantes, mas no fundo era sempre a dissolução, debaixo de diversos e hediondos aspectos, que os mantinha.

As ruinas que ainda restavam do terramoto, e que Pombal não tivera tempo de transformar nas alinhadas edificações da sua intransigente bitola, serviam de valhaçouto a verdadeiras hordas de malfeitores. Iluminação publica não existia, e ainda menos profissões em que se empregassem os milhares de ociosos que vagueavam por toda a parte.

As ruas de Lisboa, de noite principalmente, eram mais perigosas que a Falperra. Ninguém podia por ellas aventurar-se sem o perigo de ser despojado do que levasse, e mesmo de ser esfaqueado por malefico gaudío dos facinoras, para quem a pratica de taes attentados era coisa commum e até natural.

Por vezes se alliviavam um pouco as tristes condições de segurança da cidade fazendo-se levadas de recrutas com que se ia engrossar o mal organizado e indisciplinado exercito, mas a melhoria durava pouco e até mais se comprometia, tempo depois, porque não era raro que os proprios militares, esquecendo a sua missão de penhores da ordem, fossem os proprios promotores de latrocinios e de vandalismos execráveis.

A audacia dos bandidos tocava o seu auge. Assaltavam-se casas mesmo nas ruas mais frequentadas da capital, não parando nas viellas e nas queilbas immundas os attentados dos salteadores. No proprio Tejo foi saqueado um navio sueco, chamado *Patrister* e roubada uma quantia avultada que conduzia para o seu paiz.

Procurando pôr termo a tão miseravel estado de insegurança os poderes publicos envidavam esforços inauditos, cujos resultados eram pouco menos de baldos. Durante cinco dias do anno de 1778 esteve a capital em verdadeiro estado de sitio, occupando-se toda a guarnição em patrulhar as ruas e em dar encarniçada caça aos vadios.

O intendente de policia d'esse tempo, o rigido desembargador Diogo Ignacio de Pina, era exactamente quem pelos deveres do seu cargo mais tinha que agitar-se n'essa lucta tremenda e improficua contra a vagabundagem criminosa que lhe infestava a côrte, e á sua memoria andam ligadas recordações terriveis das repressões sangrentas com que por vezes se tentou pôr termo a essa tristissima situação.

Todavia, se as tradições mais ou menos alteradas da época o pintam como um terrivel despota, e até mesmo a historia, que se presume imparcial, o delinea com notavel desfavor, apoiando-se em documentos muitas vezes oriundos mais do azedume de despeitados, que da fria razão de apreciadores neutraes, a verdade é que ao zeloso funcionario se deve a creação d'este estabelecimento, e com elle a manifestação indiscutivel de que os intuitos do celebrado intendente, o seu modo de sentir a respeito dos meios de atacar a miseria e o vicio, causas inicias da corrupção e do crime, negam, com formidavel evidencia, a tradição detestavel que se creou em volta do seu nome.

Do lastimoso estado de degradação da capital, nasceu idéa luminosa da fundação da Casa Pia. Compreendeu o intendente que não seriam as violencias nem as perseguições que conseguiriam regenerar os individuos a quem a absoluta falta de educação, e a triste carencia de qualquer meio de honestamente grangearem o seu sustento, lançavam nas aventuras criminosas das alfurjas, e procurou por meio diverso conseguir o que nem os ergastulos nem os proprios patibulos tinham podido alcançar. Buscou, nos meios caritativos e generosos, o remedio de tantos males, erguendo-se acima da sua época, e deixando-nos, em sua obra magnanima, um elemento seguro para o considerarmos com justiça um benemerito.

Latino Coelho, na sua *Historia Política e Militar*, se não poupa censuras ao inabalavel intendente, tambem lhe não regateia louvores quando trata da fundação da Casa Pia.

«Apesar de ter feito o seu noviciado politico e administrativo n'um governo que punha maior fé na violenta repressão do que na corrección christã dos criminosos, o desembargador Pina Manique sabia conciliar, por um paradoxo inexplicavel, as mais philosophicas idéas ácerca da melhoria social com os sombrios procedimentos do magistrado pombalino. Enlevava-o a caridade official, que era para o seu coração obdurado um suave temperamento as obrigações desamoraveis da sua terrivel magistratura. Se podesse purgar de crimes a cidade, convertendo os vagabundos e relapsos pelo baptismo da educação e pela penitencia do trabalho, teria demonstrado que o officio de reprimir e castigar não excluía a vocação de ensinar e corrigir.

«O livro V. cujas comminações andavam estampadas com o ferro e o sangue dos supplicios, ahí estava convencido de impotente n'uma terra, onde o proprio abuso do patibulo o havia tornado inefficaz, onde os bergantes e homicidas jogavam a cabeça afoutamente nos lances da justiça criminal. Quiz o intendente experimentar nova traça com que limpasse de infestos moradores a capital.

«Tentou ganhar os regenerados para a sociedade e para a industria, em vez de os entregar impenitentes ao barão ou á galé. Era o magistrado quasi omnipotente com a muita confiança, que na côrte soubera grangear. Tinha já de sua mão não sómente a policia, senão tambem a parte mais crescida no governo municipal, subtrahida á gerencia do senado. Buscou fundar um instituto que fosse ao mesmo tempo casa de corrección e officina de labor para os que por sua vida e costumes pervertidos offendiã a segurança e a moral: asylo e amparo de orphãos, escola de gente popular e desvalida, que sendo guiada nos annos da adolescencia, já a pique de cahir na ociosidade e na miseria, pudesse accrescentar o numero dos honestos e prestaveis cidadãos.

«Não primava o intendente no acume do entendimento nem eram muitas e notorias suas letras.

«A despeito da sua rudeza intellectual possuía o instincto precioso de adivinhar com a boa vontade o que não podia concluir de leituras ineditas e de fundas meditações. Nos seus escriptos officiaes resumia com phrase inculta sensatas apreciações e pensamentos sociaes, que traziam á memoria a escola civilisadora de Pombal. As causas que produziam a despovoação do reino, a decadencia da agricultura, a frouxidão do trabalho nacional, a perigosa accumulção de gentes ociosas e suspeitas em Lisboa, eram apontadas sagazmente pelo intendente da policia nos papeis, que frequentemente dirigia ao governo da rainha. Percebia-se em Manique a intenção manifesta de imitar o ministro de D. José, e de ser n'uma esphera menos eminente o seu incansavel continuador.

«Assim como o sombrio intendente da policia é sob o reinado effectivo da rainha, o vulto principal, na galeria dos homens publicos, assim tambem a Casa Pia de Lisboa é porventura a mais arrojada e

singular instituição de quantas assignalaram em Portugal o derradeiro quartel do século dezoito.»

A primeira instituição da Casa Pia foi pois, como acabamos de ver, a criação d'um estabelecimento de correcção, onde se lhe albergassem e morigerassem, pelo regimen do trabalho, os numerosos vadios que punham em perigo, a todo o momento, a população pacifica da capital, os quaes, muitas vezes mais impellidos pela miseria do que por outro incentivo, passavam a vida n'uma ociosidade degradante e pernicioso.

Adaptando para a criação do seu benefico albergue algumas edificações que o terramoto poupara no Castello de Lisboa, Pina Manique fez conduzir para abi, em sympathica procissão, na qual elle proprio tomou lugar, treze mendigos apanhados nas ruas. Era o inicio.

D'abi para deante se encarregou a policia de enviar para lá dezenas de vadios e mulheres de mau porte, com os quaes se organizou o regimen correccional pelo trabalho.

Para todos se estabeleceram immediatamente officinas, inaugurando-se mesmo algumas industrias novas, taes como a de lonas, brins e tecidos de meia.

Para essas vieram mestres do estrangeiro e o desenvolvimento que tomaram pode aquilatar-se bem, sabendo-se que, em 1782, dois annos depois de fundadas, os productos d'essas diversas industrias renderam mais de quarenta e dois contos de réis.

A idéa que presidiu ao seu começo não foi, em verdade, a criação d'um estabelecimento educativo, e muito menos um nucleo de altos estudos, como ao depois se tornou.

Bem longe d'isso. Os primeiros povoadores d'aquella casa foram homens e mulheres que na sua divagação escandalosa pelas ruas eram constante perigo para a segurança publica.

Depois é que vieram as creanças miseraveis de que geralmente se encontravam enxameadas as vieilas da capital, as quaes, tanto pelo abandono em que andavam como pelos perniciosos exemplos a que assistiam a todo o momento, necessariamente se tornariam, mais tarde, perigosos elementos de desordem e detestaveis fautores de delictos.

E seria incompleto o instituto, diga-se em boa verdade, sem esse indispensavel accrescentamento á sua benefica influencia. A mesma noção regeneradora que aconselhava a reclusão dos adultos e o regimen do trabalho, como principio de morigeração, tambem necessariamente aconselharia a conveniencia de sequestrar ao convívio da miseria e aos pessimos exemplos d'essas ruas, o grande numero de creanças vagabundas que as pejavam.

Se para os adultos pederia haver alguma esperanza de os ver regenerados por esse meio, quanto ás creanças não podia existir a menor duvida de que se tornariam, sob a dependencia d'um bom systema educativo, homens honrados e dignos.

Foi este, pois, o começo da Casa Pia: Uma prisão penitenciaria, como hoje se diria, para reclusão e regeneração de vadios e de mulheres de vida desregada e um amparo e protecção educativa para orfãos e desvalidos.

Coerção e castigo para os primeiros, previdencia e caridade para os segundos.

(Do Elogio historico lido na sessão solemne da Real Casa Pia por occasião do primeiro centenario da morte de Pina Manique.)

CESAR DA SILVA.



Cesar da Silva

Auctor do elogio historico de Pina Manique, lido na sessão de commemoração do primeiro centenario da morte do intendente

## Ervedal — Aviz

(Aspectos)



A' saída da missa



A benção do gado em domingo do Espirito Santo



Moinho das pontes de Sêde

Ervedal é uma pequena villa de 720 habitantes, do concelho de Aviz, uma das mais vittoreas do Alentejo, e cuja sêde fica n'uma linda eminencia nas margens do rio. Aviz foi outr'ora sêde da ordem militar, e ainda lá tem as ruinas do palacio em que habitavam os grão-mestres, o castello e o convento edificados pelo mestre da ordem D. Fernão Annes. O brasão da villa de Aviz é um escudo em campo branco, com a cruz verde de S. Bento de Aviz e duas aguias.

Assim entrou o mundo, e assim ha-de sair; muitos a reprehendel-o, e poucos a emendal-o.

LUIZ DE CAMÕES.

# O cabo Isidro

Festa enternecedora na Escola do Exercito no dia 5 — a entrega da medalha de ouro a um velho com 50 annos de serviço e de comportamento exemplarissimo.

De um lado formou o batalhão escolar em quatro companhias,

E' o momento solemne.  
O cabo Isidro, um velho ainda rijo, avança e perfila-se na frente do general, que em palavras quentes relata a biographia d'aquella reliquia viva do exercito, mostrando-o como um exemplo a seguir.

E o velho, sempre perfilado, bebia as lagrimas a quatro, quatro quando o general lhe apertou a mão e deu a palavra ao capellão da Escola.

A poucos passos vimos uma velhinha, n'um grupo de creanças, a soluçar e a sorrir para o reverendo capellão, que, em phrase tão



Isidro Ramalho



Grupo de officiaes, e lentes da Escola do Exercito

do outro lado os reformados. Ao som do hymno da carta faz-se continencia á bandeira, e entram na parada o general Montalvão, coronel Jayme de Castro, tenente coronel Vasconcellos Porto, officiaes do Estado maior, lentes da Escola, e o capellão, rev. Pompilio.

simples como elle, para ali dizia tão bellas coisas a respeito do cabo: era a velha companheira do Isidro, toda commovida e orgulhosa a rever-se na medalha de ouro do seu homem e nas alegrias d'esse dia memoravel.

As cinco gravuras que acompanham estas poucas linhas dão ideia do que foi a cerimonia interessante.



O sr. capellão, reverendo Pompilio, lendo a allocução da cerimonia



O sr. general Montalvão  
pondo a medalha de ouro ao peito do cabo



O cabo Isidro entre os alumnos da Escola

## SONETO

N'este horrivel sepulcro da existencia  
O triste coração de dor se parte;  
A mesquinha razão se vê sem arte,  
Com que dorme a phrenetica impaciencia:

Aqui pela oppressão, pela violencia  
Que em todos os sentidos se reparte,  
Transitorio poder quer imitar te,  
Eterna, vingadora omnipotencia!

Aqui onde o que o peito abrange, e sente,  
Na mais ampla expressão acha estreiteza,  
Negra idéa do abysmo assombra a mente.

Difere acaso da infernal tristeza  
Não vêr terra, nem eéo, nem mar, nem gente,  
Ser vivo, e não gosar da natureza?



# BIBLIOTECA INTERNACIONAL

A crise hespanhola, a que nos referimos no fim da nossa revista anterior, terminou pela constituição de um gabinete liberal sob a presidencia do sr. Montero Rios. O que este gabinete vale e o que significa no actual momento da politica hespanhola, dentro em pouco se saberá. Mau indicio, porém, é que o novo presidente do conselho não tenha podido fazer entrar no ministerio recém-constituído nenhum representante dos grupos dos srs. Moret e Canalejas, já que os dois politicos se recusaram obstinadamente a aceitar uma pasta na nova situação. A entrada do conde de Romanones para as obras publicas tem apenas uma significação pessoal, dada a conhecida individualidade do nomeado, e em cousa alguma infirma o valor das duas abstenções indicadas.

De modo que vae repetir-se (não se sabe ainda se com o mesmo resultado) a situação do gabinete Villaverde, o qual sendo conservador não tinha a collaboração e teve no fim a hostilidade dos grupos conservadores, que não estavam n'elle representados. Virão a ser para o gabinete Montero Rios os amigos do sr. Canalejas e do sr. Moret e o que para o gabinete do sr. Villaverde foram os amigos do sr. Maura e do sr. Pidal? E' muito possivel, para não dizer muito provavel.

Tanto o partido conservador como o liberal tiveram a sua crise com a morte dos antigos chefes consagrados. O partido conservador depois do desaparecimento de Canovas já foi governo, e o fracasso d'essa administração provou á saciedade como os improvisados presidentes do conselho, que lhe succederam, eram de estatura infima quando comparados com elle. Silvela, Azcarraga, Maura, Villaverde não passaram, com effeito, de chefes de grupo, e jamais conseguiram manter a unidade do partido. Os ciúmes e as rivalidades, que os dividiam, foram a causa não sómente da esterilidade dos ultimos ministerios, mas ainda da chamada ao poder dos liberaes, que não tinham maioria no parlamento e que ganharam o poder, simplesmente porque a maioria se fraccionou e Maura preferiu o advento de um ministerio liberal á continuação no governo dos conservadores sob a presidencia de Villaverde.

Os liberaes depois da morte de Sagasta ainda não tinham sido governo. Vão sê-lo agora; e que lhes succederá? Terá Montero Rios a fortuna de sahir-se bem da prova, a que vae ser submettido? Mais feliz do que Silvela, que não teve pulso para gerir a herança de Canovas, conseguirá o actual presidente do conselho substituir-se para os effeitos da disciplina partidaria ao fallecido Sagasta? E' pelo menos licito duvidar. As abstenções de Moret e Canalejas, os chefes da extrema direita e da extrema esquerda do liberalismo dynastico, são de máo agouro para a nova situação.

O que se está passando no sul da Russia — em Odessa e na esquadra do Mar Negro? E' difficil de ajuizar o pelo que nos dizem os telegrammas, que a censura moscovita deixa transmittir. As noticias das agencias são incomprehensíveis, e não muito mais claras as dos jornaes, que n'aquellas se fundam. Segundo as communicações officiaes deu-se uma insubordinação a bordo do couraçado *Kniaz Potemkin*, permanecendo os outros navios da esquadra fieis, e esperando-se a todo o momento a prisão dos revoltosos. Por mais de uma vez mesmo despachos de Odessa e S. Petersburgo chegaram a dar como facto consummado a capitulação do *Potemkin*, affirmando outros telegrammas que o navio havia sido mettido o pique. Até hoje, porém, não só estas noticias se não confirmaram, como pelo contrario se sabe que o *Potemkin* continua sublevado, ameaçando com o bombardeamento os portos do Mar Negro, que não queiram adherir á insurreição ou pelo menos se recusem a fornecer-lhe o carvão e os mantimentos de que elle carece.

E que fazem no entretanto os outros navios da esquadra? Não se sabe. O que parece certo e o que logicamente se deduz da incomprehensível attitudo d'elles, é que estão tambem parcialmente revoltados e que os officiaes não confiam nas tripulações para reduzir á obediencia o *Potemkin*. Se assim não fosse, se os restantes navios da esquadra se conservassem fieis, como se explica a inacção d'elles perante uma insubordinação, que é não sómente facto unico na historia da marinha russa, mas na historia de todas as marinhas do mundo? Se os outros couraçados não attacam o *Potemkin* é porque não podem; e não podem porque teem tambem as tripulações pelo menos parcialmente revoltadas. Esta é a verdade, que resalta da critica imparcial das noticias até agora recebidas. A censura pôde mutilar os telegrammas. O que não consegue é impedir, que d'essa mesma mutilação se tirem as illações necessarias. Assim a verdade sobre o que em Odessa se está passando é o seguinte: uma parte da esquadra do Mar Negro está abertamente revoltada; a outra parte está paralyzada, porisso que o almirante Krieger não tem confiança nas tripulações e não pode dispôr d'ellas para a submissão dos navios revolucionados. Em terra a revolução alastra pelas cidades maritimas do sul da Russia, mais directamente sob a influencia da esquadra que hasteou o pendão da revolta.

N'algumas d'essas cidades, como por exemplo, na propria Odessa

a revolução politica exertou-se no movimento das *grèves*, que ha algum tempo já ali se tinha manifestado e que preparou o terreno para o levantamento actual.

Atravez das noticias confusas e contradictorias e dos despachos officiosos torçados adrede mas a pouco trecho desmentidos, como os que por mais de uma vez teem dado o *Potemkin* submettido, rendido á descripção, a pique, destruido por uma explosão etc., quando afinal elle continua impunemente em plena revolta, o que se pode apurar é o que acima indicamos. E este estado de cousas sem precedente em paiz algum civilisado dura ha perto de quinze dias, não se podendo ainda prevêr quando acabará, embora tão extraordinaria situação não possa prolongar se muito.

Até aqui os factos. Agora os commentarios, que elles naturalmente suggerem.

Sob o ponto de vista do prestigio militar e politico da Russia o que se está passando com a esquadra do Mar Negro é a completa abdicção da autocracia como poder dirigente. Vê se bem que o governo de S. Petersburgo já não tem a força moral nem a material para conter a ordem, estando portanto á mercê do primeiro golpe de mão que não tardará a vir, conforme tudo o prognostica. Diziam alguns dos mais intimos conhecedores da Russia, que n'aquelle paiz uma revolução era impossivel, dada a proverbial indifferença e a apathia do povô, e a ferrea disciplina que continha a força armada, a qual jamais prestaria o seu concurso a qualquer movimento revolucionario. O que se está passando em Odessa mostra até que ponto se illudiam os que assim pensavam. Ha pelo menos seis mezes, desde os morticínios de S. Petersburgo, desde a «semana de Vladimiro», como ficaram sendo conhecidos esses dias funestos, que a Russia está em plena revolução. Ora n'uma cidade, ora n'outra, desde o extremo norte ao extremo sul, não se passa dia nenhum sem que estale um motim sangrento que custa algumas dezenas ou centenas de vidas, e que deixa após si, depois de suffocado parcialmente, uma fermentação surda precursora de nova irrupção. Assim vae alastrando o movimento insurreccional por todo o paiz, ganhando consistencia pelo reconhecimento da fraqueza do tsar, que parece ainda não ter comprehendido a gravidade da situação. E comtudo com tanta ou mais razão do que a Luiz XVI podia algum dos seus ministros affiançar-lhe, que não se trata de simples revoltas parciaes, mas de uma revolução em fórma, que dentro em pouco se desencadeará temerosa sem que ninguém a possa conter. A historia porém nada ensinou ao descendente dos Romanov. As mesmas hesitações, as mesmas perplexidades, as mesmas alternativas de resistencia e de submissão á vontade popular, a mesma falta de decisão diante do perigo que a cada hora se avoluma, sem que haja a resolução viril de o encargar de frente, estão preparando na Russia uma catastrophe identica á que em 1789 subverteu na França o throno do rei christianissimo.

Simplesmente d'esta vez á vastidão do theatro corresponderá a magnitude da convulsão.

A revolta do *Kniaz-Potemkin* está de antemão condemnada. Uns dias mais e os marinheiros sublevados hão de entregar-se. Mas fica o symptoma, e esse é gravissimo. Até agora suppuha-se, com effeito, que os revolucionarios constituíam na Russia uma pequenissima minoria, e sobretudo que apenas a população civil entrava n'esse movimento. Ora, emquanto assim fosse, podia a autocracia estar segura. Não se fazem revoluções hoje em dia sem o exercito, e esse continuava fiel ao tsar, apesar de todas as derrotas soffridas, prompto a suffocar qualquer protesto contra o regimen actual.

O caso do *Potemkin* veio acordar a Russia d'esta illusão. Uma parte da marinha revoltou-se, quebrando o encanto que tinha acorrentado á tyrannia do juramento a força publica. O que acaba de fazer hoje a esquadra do Mar Negro, reproduzido, ao que parece, em parte pelos navios surtos nas Philipinas e pelos marinheiros de Libau, poderá ser imitado amanhã em terra por alguma secção de tropas descontentes. E' de temer sobretudo que isto aconteça, quando depois de firmada a paz, que ha-de vir mais tarde ou mais cedo, voltarem á Europa os soldados da Manchuria, vencidos, dizimados, anciosos por se vingarem das humilhações soffridas nos auctores da louca guerra, que a tantas miserias os expoz. N'essa hora que se prevê, e que tudo parece indicar estar para breve, está perdida a autocracia. Já será tarde então para transigir com a revolução, e só lhe restará desaparecer. O peor é que não desaparecerá pacificamente, sendo substituida por um regimen liberal prompto a funcionar. No nosso entender, depois dos erros commettidos pelo tsar, a isso arrastado pelos seus miopes conselheiros, semelhante transicção ha de custar á Russia infinitas desgraças, que apenas algum bom senso teria podido evitar.

CONSIGLIERI PEDROSO.

# José Daniel e Bocage



As campanhas em nome da Arcadia foram a imagem do cerco de Troia, sobrevivendo aos motivos da lucta. A indole irritavel dos poetas a cada passo tirava da cinza d'um combate a faisca d'onde nascia outro. A todos os momentos se pegava em armas; e o menor sorriso da musa jovial era o signal ás vezes de uma batalha. A supremacia arrogante de Bocage, a impaciencia da sua emulção, e os applausos que solicitava, eram origem de conflitos,

que depressa amotinavam os gremios rivaes nas duas Castalias. Cada bando tinha os seus athletas e apologistas; os auditórios e as palmas dividiam-se como as opiniões; e o elogio dos primeiros reputava-se uma offensa aos segundos. A paz e a justiça não entravam nunca nos inquietos arraiaes; nenhum dos contendores concedia que o engenho podesse existir fóra do seu campo. Uma nuvem de verzejadores obscuros, correndo adiante do grosso das phalanges, entretinha-se a queimar escorvas, e fugia depois ao estrondo dos proprios tiros. E estropiados chocarreiros todos queriam a medalha do torneio; e succedeu mais de uma vez, que em seu logar viesse o moço de armas de algum dos chefes, deixando os cobertos de pó e contusões.

O que admira n'estas scenas é a constancia do pugilato. Os annos passavam debalde sobre os odios sem os gastar. Dos adversarios de Elmano houve tal, que nem perante o leito da dôr teve a generosidade de esquecer. Aconteceu peor. Quem lhe abriu os braços, e recebeu no coração os suspiros da agonia, apenas os ossos desapareceram debaixo da terra, desgrenhou os vilipendios contra a sua memoria, e não teve pejo de roer como verme os loiros de um nome illustre. Esta será a nodoa eterna de José Agostinho. Ponde mais n'aquelle animo vingativo e invejoso a lembrança das injurias, do que a religião do tumulo e o respeito de si mesmo!

Manuel Maria, assumpto de louvores extaticos, e objecto de averções activas, pagou a pena dos seus erros. Se medisse as armas pelas forças dos contendores, e não cegasse por amor proprio a sua bondade natural, gosaria em descanso de uma gloria tranquilla, e o seu imperio estabelecer-se-ia pacificamente. A consciencia mesmo avisava os detractores de que lhes faltava muito para o igualarem. O que os offendia e o que repugnava até aos indifferentes era o iniquo

desprezo com que os deprimia, e a immodesta jactancia com que se arrogava o sceptro, sem esperar que lh'o entregassem. Desde que se tratava do talento alheio a sua balança não conhecia pezos; não se inclinava senão ao merito proprio e as apreciações mordazes saltavam-lhe dos labios e da penna. Os mais altos e os mais humildes eram para elle plebe, que devia ajoelhar diante do seu throno, sem voto e sem estimação; o elogio a outrem representava-se lhe um furto audaz á sua fama. Assim as bellas qualidades, que tanto o enobreciam pelos dotes da alma e do espirito, envenenavam-se com este defeito. Na republica litteraria não admittia igualdade nem competencia. Queria só inferiores e aulicos; e para desdobrar o açoute não era preciso ser aggreido, bastava que distinguisses a qualquer poeta, ou que o não incensassem assás a elle. O innocente auctor do «Almocreve das Petas» padeceu por não embocar a trombeta apologetica, em quanto, sincero e agradecido, elogiava em Belchior Semedo as obras, que a posteridade e Bocage mesmo julgaram dignas de elogio.

Se houve pessoa inoffensiva e desaffecteda foi José Daniel Rodrigues da Costa, official do fisco nas portas de Belem, e por este emprego jocosamente denominado beleguim do Parnaso por Manuel Maria. Não cuidava de rivalidades, nem formava de si ideia vaidosa. Escrevia para subsistir, ou antes para accrescentar alguns confortos á estreita mediania dos seus salarios.

Não era nuvem portanto que apagasse os raios ao sol a Bocage, ou sombra que puzesse escuro na sua aura. Assim mesmo pede a verdade que se diga que não foi tão pobre de engenho, nem tão despedido de letras, como a maledicencia de Elmano o pinta em alguns sonetos. Os seus escriptos, plebeus na indole e na substancia, tinham sal bastante para o paladar dos leitores a quem se destinavam. Sainetes do povo, que se ria e divertia com elles, não aspiravam ás alturas d'onde os vates cabalinos, escarnecendo-os, os convertiam em palitos dos seus ocios engraçados. José Daniel narrava com graça, possuia o dom da invenção rude, mas picante; e como observador de costumes não pôde omitir-se no estudo da epoca a que pertence. Não leva a critica á analyse profunda dos caracteres e das coisas, nem sobe á synthese philosophica, pedra de toque dos moralistas insignes; mas á superficie via bem, sendo feliz muitas occasiões em apanhar os angulos do ridiculo, com traços largos e côres alegres. O gosto pouco o ajudava; a lima castigava mal as obras concebidas e executadas a correr; e a sua lição não excedia a instrução commum, condemnando-se por isso a não passar da mediocridade. A satyra popular era o seu queijo; e como o rato da fabula, uma vez que lhe não faltasse, olhava para todos os desvanecimentos e pompas do mundo com soberana indifferença. Cedeu sempre a gloria a beneficio de inventario!

Com os bolsos attestados de folhetos, e precedido por estrepitosos pregões de cegos, saía pelas ruas a prender os compradores. As pessoas conhecidas, se o descobriam, vendo o boio significativo das insondaveis algibeiras, resignavam-se a comprar o foliculo de prosa, ou a pagina de versos que lhes punha aos peitos. Figura unica, o auctor da «Barca da Carreira dos Tolos» achava natural o que lhe era util; e tanto duvidava fazer-se belfurinho dos seus opusculos, como enfeitar de mais duas ou tres filas de garrafas escolhidas as estantes ermas de livros em que tinha a sua adegá. Compadre de toda a gente, folgasão sem melindres, e dotado de bom fundo, as petas e a caixa do rapé estavam ao dispor de quem desejasse, como elle dizia, deitar as cãs ao mar. Curvo Semedo gostava de o ouvir, corrigia-lhe os escriptos, e tratava-o com franqueza. José Daniel, de sua parte, correspondia com amizade e dedicação. Offender-se pois que o bom homem estimasse o censor obséquioso, e deplorasse as injustiças de

## Lisboa



Aqueducto das Aguas Livres

Bocage contra o talento de Belchior era exagerar de mais a intolerancia. Algumas palavras n'este sentido do gazeteiro das petas foram sufficientes comtudo para Manuel Maria desencadear contra elle a animadversão; e para o pobre official das portas d'ahi em diante, a cada publicação nova, estavam certas as apupadas de Elmano e as dos seus admiradores. Menos sensível aos farpões do ridiculo, do que molestado no interesse pecuniario, o Juvenal do povo via diminuir os lucros á medida que augmentavam as gargalhadas. Segurando-o pelos cabellos no momento em que ensarilhava pelas ruas e esquinas, carregado de papel impresso, Bocage implacavel tinha se apoderado do titulo do ultimo escripto, o «Almocreve das Petas», e crucificára sobre elle em um soneto o tecelão de casos fortuitos, e de quadras chilras, como lhe chamava. Com este buscapé de hilaridade na cauda, a obra e o auctor serviram de pasto á malicia da côrte por uma semana:

Das Petas o Almocreve é obra tua.  
Bem se vê, Daniel, na phrase e gosto:  
Adiça, tres de abril, ou seis de agosto,  
E' de quem vende as rimas pela rua.

Cheira a teu nome o roubo da perúa,  
E entre o tostado arroz o rabo posto;  
Eis a obra melhor que tens composto  
Ainda que d'artificio e graça núa.

A gente por Lisboa anda pasmada,  
Vendo-te farto e cheio como um ovo  
Dos alvos pintos, que te deu por nada:

E frio de terror murmura o povo  
Que a tua estupidez anda pejada,  
E que cedo se espera um parto novo.

E não só a penna, mas a lingua, era incansavel em denegrir o amigo de Curvo Semedo; em o encontrando choviam os gracejos; e por fim as coisas chegaram a ponto, que José Daniel, trespassado e temendo ficar sem leitores se não abrandasse o perseguidor, quebrou por tudo e veio deitar-se-lhe aos pés. D. Gastão narrou o lance ao sr. Castilho com a costumada graça, sustentando as feições dos per-

sonagens e a côr do dialogo. Mannel Maria é quem de creveu a scena ao amigo, e este referia o que ouvia da sua boca. «Sabes quem acaba de procurar-me? (disse Elmano) O homem das petas. Vinha todo concho e modesto, pondo-me nas nuvens. . . até que o estrugi, quando me gaguejou: — Cá eu não posso medir-me com v. m.<sup>ca</sup> — «Mas é que eu tambem não sou nenhum covado!» — «E' que a sua concorrência . . . » (insistiu elle). — «Não trago contracto arrematado». — Pois traga, ou não, (acudiu o homem quasi a chorar) pelo amor de Deus, não me tome á sua conta, que eu não quero glorias, quero pão. — «Tive dó do homem, tive, (ajuntava Bocage) mas lá os taes versos d'elle sempre digo que lh'os não comprem». — Logo depois, apesar da commiserção promettida e da humildade da victima, acabando de contar o acontecido, e saindo do café para o Passeio, ao virar a esquina do Rocío, salta lhe aos olhos um cartaz, que em elogios retumbantes annunciava o segundo tomo das rimas de José Daniel. Sorrisse, parar, e sem esforço, como se lêsse um papel pregado na parede, recitar de repente um soneto, foi tudo a mesma coisa. Daremos alguns dos versos:

Temos, segundo á luz saiu, das rimas  
De José Daniel Rodrigues Costa,  
Obra mui de vagar, mui bem composta,  
E sujeita depois a doudas limas.

Por estas e por outras, que tem feito,  
Verá qualquer leitor nas obras suas  
Que elle para versar nasceu com geito.

Acham-se em tendas, acham-se em com . . .  
E para lhes augmentar honra e proveito  
As vende o proprio auctor por essas ruas!

Eis a benevolencia com que o escutou! Era a chaga incuravel de Bocage. Descia por ciume aonde, baixando, devia reconhecer que se aviltava. D'este achaque nada o curou senão o desengano da ultima enfermidade.

L. A. REBILLO DA SILVA.



Os tres netos do conselheiro Barbosa dos Santos  
Agente financeiro de Portugal no Rio de Janeiro